

CONSCIÊNCIA E CONHECIMENTO: INSURGÊNCIAS DO PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO

Maria Eduarda Antonino Vieira¹

Resumo: Neste ensaio, discute-se o impacto da produção conceitual, paradigmática e metodológica do Pensamento Feminista Negro, de Patricia Hill Collins, na forma como o conhecimento vem sendo produzido. Para isso, foram analisados os seguintes conceitos: *self-definition* (autodefinição), *self-valuation* (autoavaliação), *lived experience* (experiência vivida) e *interseccionalidade* (interseccionalidade), que reclamam o caráter epistemológico da produção intelectual das feministas negras. Este ensaio tem três propósitos principais: (1) difundir um pensamento ainda pouco explorado na língua portuguesa; (2) manifestar fragmentos do doloroso processo de marginalização das ideias e realizações de mulheres negras, ignoradas por perspectivas hegemônicas; (3) a defesa de uma ciência feminista e insubmissa.

Palavras-chaves: Feminismo negro; Epistemologia; Patricia Hill Collins.

Abstract: This essay will discuss the impact of the conceptual, paradigmatic, and methodological output of Patricia Hill Collins' Black Feminist Thought on how knowledge is being produced. To this end, the concepts of self-definition, self-valuation, lived experience, and intersectionality, which claim the epistemological character of Black feminists' intellectual production, were analyzed. As such, the essay has three main goals: (1) to spread a thought still little explored in the Brazilian Portuguese language; (2) to manifest fragments of the painful process of marginalization of Black women's ideas and achievements by hegemonic perspectives; and (3) to defend a feminist and insubmissive science.

Keywords: Black feminism; Epistemology; Patricia Hill Collins.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

¹ Doutoranda na Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: duda.antonino@gmail.com. Orcid: 0000-0003-2013-5802

A revolução começa comigo, no interior. É melhor reservarmos tempo para tornar nossos interiores revolucionários, nossas vidas revolucionárias, nossos relacionamentos revolucionários. A boca não vence a guerra.

Toni Cade Bambara, *Seeds of revolution*²

1 Marcadores do pensamento feminista negro

Pensar Feminismo Negro não significa abarcar realizações apenas da atualidade, a partir de algumas pensadoras ou de um espaço geográfico específico. A nomenclatura é dos dias atuais, mas sua prática é fruto da experiência e da reflexão de mulheres de diversas classes, tempos e contextos sociais. Por isso, o feminismo vai adquirindo diferentes pautas e práticas de acordo com a localidade e a temporalidade que lhe deu origem. Hoje, já existe um movimento Feminista Negro Transnacional, composto por mulheres estadunidenses, latino-americanas, caribenhas e africanas, que para além de suas diferentes orientações sexuais, classes sociais, religiões, espaços geográficos, etnias ou idades, extrapolam as suas realidades e necessidades em defesa de um projeto de justiça social comum (COLLINS, 2000).

Diante da impossibilidade de cobrir a pluralidade do Pensamento Feminista Negro, neste ensaio, retrato especialmente o contexto das afroestadunidenses, abordado por Patricia Hill Collins. O intuito é o de trazer à tona uma coletividade continuamente subjugada, mas que, para além de suas dores, compartilha a experiência de produzir conhecimento com o objetivo de ultrapassar as opressões, em especial aquelas referentes ao fazer científico, não aceitando para sua produção o estigma de “má ciência” e insurgindo contra o verdadeiro mal no meio acadêmico, o cruzamento das desigualdades de gênero, raça e classe. O empoderamento nesse espaço ocorre especialmente através do acesso das mulheres negras à academia e da insubordinação à forma “tradicional” de produzir, pautada na neutralidade e na objetividade (COLLINS, 2000).

É com esse horizonte em vista que pretendo identificar e analisar, ainda que de forma pontual e, portanto, incompleta, os debates envolvendo o projeto político e científico do Pensamento Feminista Negro, através dos seus principais posicionamentos epistemológicos e seus encontros e

2 Texto extraído de uma coletânea editada por Ian Freeman (2014).

desencontros com outras epistemologias feministas. Não se trata de uma apresentação “imparcial” e desinteressada, muito pelo contrário, minha aspiração é defender uma ciência feminista, insubmissa e libertadora e, com isso, ampliar as nossas percepções sobre a realidade.

A epistemologia das afroestadunidenses é uma perspectiva urgente que emerge das suas experiências enquanto uma coletividade que continua atravessada pela *interseccionalidade*³ das opressões, principalmente de raça, classe e gênero. Nesse sentido, a *interseccionalidade* é uma abordagem que promove uma mudança paradigmática, pois extrapola as formas de compreender as opressões, não as reduzindo a um tipo fundamental amplamente difundido, de que as mulheres são subjugadas apenas no enquadramento do gênero, não levando em conta as dinâmicas raciais, de classe, religiosas e tantas outras. Concomitantemente, combate as narrativas dominantes que levam em conta apenas a injustiça de gênero sofrida pela mulher branca de classe média e a exploração racial do homem negro, formas de pensar extremamente violentas que apagam as mulheres negras das principais categorias de opressão (COLLINS, 2000).

Mas, antes mesmo do desenvolvimento do Pensamento Feminista Negro como uma teoria crítica reconhecida e difundida nos centros do conhecimento, as mulheres negras adquiriram, ao longo da vida, consciência para ultrapassar obstáculos, correr riscos e ousar sobreviver, reivindicando uma imaginação questionadora e a potência de uma mente livre. É através de um movimento que parte de dentro e passa para fora e com uma consciência *autodefinida* e *autoavaliada* que as mulheres negras questionam não apenas o que vem sendo dito sobre elas, mas colocam em prática sua força criativa para agir no ambiente e adequá-lo às suas necessidades. Assim, por intermédio de ações silenciosas, quando não se tem força na voz; pela oralidade, quando não se domina a escrita; e mascaradas de submissão, quando não se tem o poder exterior de subverter, as mulheres negras, mesmo quando cercadas pelos efeitos devastadores de não chegar a ser, ou de vivenciar a iminência profunda de se perder de si, tomam para si o estatuto de ser através de uma *consciência ativa*.

Como aponta Collins, a *autodefinição* é “o poder de nomear a própria realidade” (COLLINS, 2000, p. 300), uma jornada que desafia as opressões internalizadas para a construção de uma mente livre (COLLINS, 2000).

3 O desenvolvimento do conceito de *interseccionalidade* foi resultado da articulação da jurista negra Kimberle Crenshaw (1989) e faz alegoria a uma encruzilhada de tráfego para explicar como as opressões são experimentadas no entrecruzamento simultâneo delas.

A ação é tão potente que, em paralelo, termina questionando o próprio processo de validação exterior baseado em imagens estereotipadas da condição feminina afroamericana que eternizam a objetificação, a mercantilização e a exploração. Em complemento, a *autoavaliação* enfatiza o conteúdo específico das *autodefinições*: por um lado, substitui imagens externamente definidas como as “autênticas” imagens das mulheres negras (COLLINS, 2000), ao passo que inaugura novas representações, visto que as imagens não são meros recortes da realidade, mas são responsáveis por instituir olhares, formas de ver e formas de ser. Portanto, é mediante uma consciência produtora das suas próprias imagens, das suas formas de se ver e de se definir, que as mulheres negras validam seu poder enquanto sujeitos. Com relação a isso, bell hooks comenta:

De fato, uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores. Sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e os amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora? (HOOKS, 2019, p. 38).

As imagens controladoras das *Mamas*, *Matriarcas* e *Jezebéis*⁴ circulam massivamente na mídia impressa, nos meios de comunicação, nas instituições governamentais, nas escolas e alimentam os estereótipos funcionando como mecanismos de opressão (COLLINS, 2000). Sua força e sua capilaridade “refletem o interesse do grupo dominante em manter a subordinação das mulheres negras” (COLLINS, 2000, p. 69-72). Mas a insurreição, a contestação e a desconstrução dessas imagens, por meio do imaginário livre, emergem na própria comunidade negra, nas organizações de mulheres, nas redes familiares, nas igrejas, no blues, na literatura, e na relação de amizade das *sisters* para além da dor. São locais seguros que fortalecem o pensamento comum através da criação de novos símbolos, novos sentidos e novos valores para as suas vidas. É uma comunidade de ativismo e *autodeterminação* (COLLINS, 2000).

A *autodeterminação* pode ser tumultuosa, visto que muitas mulheres negras têm que levar uma vida dupla, agindo de uma forma nos espaços dos

4 As *jezebéis* do passado e as *hoochies* contemporâneas representam uma forma desviante da sexualidade feminina negra; as *mamas* são as mães negras nas famílias brancas, e as *matriarcas* simbolizam a figura materna nas famílias negras. Assim, a *mama* representa a mãe negra boa e a *matriarca* simboliza a mãe negra má (COLLINS, 2019b).

brancos e de outra entre os negros (GWALTNEY, 1980). Para suportar essa dualidade, muitos segredos e hábitos são desenvolvidos, a exemplo das domésticas negras que partilham histórias de cortesia dissimulada, agradecendo pelas “doações” dadas a elas por seus empregadores, mas de posterior descarte dos recibos (ROLLINS, 1985 apud COLLINS, 2000). Ella Surrey, ex-empregada doméstica, descreveu que é preciso saber atuar, ser a melhor atriz do mundo (COLLINS, 2000). Nesse sentido, muitas afroestadunidenses que são capturadas pelas imagens hegemônicas, diante das poucas saídas para sobrevivência, exercem uma vida dupla, que é responsável tanto por lhe trancar de forma encenada numa prisão como por lhe mover dentro da sua subjetividade para a liberdade.

A perspectiva da consciência ativa é a primeira dimensão do empoderamento das mulheres negras, visto que critica os discursos, as imagens e as representações hegemônicas. Mas tal consciência não é suficiente, de acordo com Collins (1998), já que é um movimento apenas reativo. Como parte dessa insurgência, também é necessário o desenvolvimento de um segundo momento, a construção de novos conhecimentos, de novos conceitos e a investigação de novos temas, que só se torna viável com estruturas interpretativas e abordagens epistemológicas alternativas à produção do conhecimento hegemônico (COLLINS, 2000). O campo feminista negro é, portanto, essencial para o deslocamento do olhar, do imaginário e da ciência.

Por isso, a partir dos anos 1970, as intelectuais do feminismo negro realizaram o trabalho árduo de tradução das suas *experiências vividas* em conceituações com o objetivo de adentrar os muros da academia (COLLINS, 2000). O campo das afroestadunidenses se consolida pela incorporação das memórias imagéticas, dos veículos simbólicos e da sabedoria enraizada nas suas práticas de resistência. Assim, os conceitos anteriormente trabalhados e tantos outros foram elaborados com o objetivo de incentivar os teóricos de todas as áreas do conhecimento, especialmente da Sociologia, a expandir sua percepção sobre a realidade (COLLINS, 2000). Hoje, por exemplo, alguns dos sociólogos já compreendem que as opressões só podem ser enfrentadas quando se reconhece a *interseccionalidade* de todo o sistema de opressão (COLLINS, 1986).

Dessa maneira, o pensamento adentrou a academia, ancorado numa base conceitual própria, com marcadores e métodos distintivos, reforçando a importância das formas marginais de conhecimento e de contranarrativas que desafiam o enquadramento científico hegemônico. Como uma forma de pensar insubordinada, que surge de uma conexão profunda entre a

teoria e a prática, articula-se com as lutas cotidianas, com as experiências vividas, nas resistências e nos enfrentamentos das mulheres negras, absorvendo insights dos conhecimentos diários sobre como trançar o cabelo, como suportar os padrões abusivos e quando atuar como “submissa” para lidar com a hegemonia branca.

A marginalidade desse pensamento não significa que ele é inexistente ou dotado de pouco rigor, mas denota um longo processo de colonização dos nossos imaginários e da nossa forma de produzir conhecimento. Esse processo invisibiliza as práticas feministas, colaborativas e pulsantes das afroestadunidenses comprometidas em não avançar com os roteiros hegemônicos que as apagam incessantemente ou apenas citam sua cor e não seu nome, vide as inúmeras vezes que as retratam de forma restritiva e estereotipada. À vista disso, a primeira marca distintiva da produção de Collins é o fator colaborativo, feito através da mobilização exaustiva de artistas, escritoras e intérpretes, demarcando o pensamento feminista negro como dialogicamente individual e coletivo, poético e teórico, pessoal e político, pois ele se fundamenta numa multitude de mulheres que produzem conhecimento, para além da academia, como uma possibilidade de transformar o mundo e, ao mesmo tempo, de apenas sobreviver a ele (COLLINS, 1986).

Um segundo marcador distintivo surge da *heterogeneidade* das experiências vividas pelas mulheres negras, que é o pontapé inicial desse projeto comum, mas não é autossuficiente, pois cada mulher, na sua individualidade, vai dar um sentido único e às vezes conflitioso à essa coletividade. Por isso, podemos praticar o exercício lúdico de imaginar o Pensamento Feminista Negro como as antigas colchas afroamericanas (*quilt*), as quais não são feitas na uniformidade, como acontece com as colchas euroamericanas, mas são conhecidas pela diversidade de cores, tamanhos e matérias dos retalhos (GIOVANNI, 1988). A difícil costura é parte definidora desse projeto, pois as colchas “não parecem estar interessadas em um esquema de cores uniforme, usam vários métodos de brincar com as cores para criar imprevisibilidade e movimento” (BROWN, 1989, p. 922).

O atrelamento entre experiência e consciência molda a vida cotidiana das mulheres afroamericanas, afinal, as experiências com as quais elas se deparam têm condições tanto de cooptar as suas subjetividades como também de as expandir. Por isso, trago alguns momentos da trajetória de vida de Collins, retratados por ela no início do seu próprio livro, como atravessamentos importantes para sua visão de mundo, sua produção acadêmica e seu posicionamento como ativista intelectual, como o fato de ela ter

sentido, repetidamente, a dor violenta de ser uma das poucas mulheres negras na escola, na academia e no cargo de professora universitária (COLLINS, 2000). Essa realidade, muitas vezes disfarçada de representatividade, asfixiou as vozes minoritárias que andam ao seu lado, bem como também sufocou sua criatividade intelectual, ferramenta imprescindível para transpor os silenciamentos, as exclusões e as desigualdades na produção do conhecimento (COLLINS, 2000).

Antes de seguir, preciso pontuar de onde parte o meu lugar de fala e de escuta: ainda que uma mulher branca, de classe média, doutoranda de Sociologia e com uma trajetória de vida com inúmeros privilégios, ao compreender o meu lugar na periferia do conhecimento científico enquanto mulher nordestina e minha posição feminista, reforço o meu compromisso de lutar por uma academia mais justa e que se inspire no olhar de Collins, mesmo sem ter partilhado das opressões das mulheres negras. Estou mobilizada pelo meu entendimento ético e político do racismo e da rejeição às lógicas de dominação, assim como pelas faltas e dificuldades que ainda nos cercam no âmbito da produção de conhecimento. Por mais que tenhamos alcançado os espaços de pesquisadoras, intelectuais e intérpretes, não podemos nos acomodar e nos conformar com as normas existentes, algumas das quais já havíamos até mesmo superado anteriormente. Seguiremos defendendo uma insubmissão científica.

As experiências comuns não garantem que uma consciência de grupo se desenvolva entre todas as mulheres negras ou seja articulada pelo coletivo. Assim como as trajetórias de vida são singulares, as experiências das mulheres também são únicas, e a ligação entre as experiências e a consciência do grupo são distintas de acordo com o decorrer do tempo, da classe, da sexualidade, da religiosidade (COLLINS, 1998). Ou seja, os problemas a serem solucionados pelas mulheres negras afroamericanas enquanto grupo mudam conforme os marcadores sociais, econômicos, culturais e conforme a temporalidade, todavia, mesmo com os condicionantes diversos, não se pode perder de vista a singularidade fundamentada em experiências comuns.

Um terceiro ponto distintivo da produção de Collins é a escrita atravessada pela subjetividade e pelas diversas vozes que se somam à dela para dar tom ao texto. Mais do que uma leitura objetivista da realidade, encontramos uma escrita afetiva e poética que não perde por isso seu rigor. Ela faz uso recorrente de uma redação situada, rejeitando sempre que possível, os pronomes “elas” e “delas” ao descrever as mulheres negras dos Estados Unidos e substituindo pelos termos “nós” e “nossa”. A escolha da redação

para a socióloga é política, contrapondo-se à utilização dos termos impessoais que habitam os ambientes acadêmicos hegemônicos, e assumindo que essa postura epistemológica propõe abrir um novo caminho, o único caminho possível para a epistemologia negra (COLLINS, 2000).

A obra também carrega um traço comum na produção feminista negra, presente em bell hooks, Joice Berth e Angela Davis, mas distinto do mundo acadêmico hegemônico: o didatismo pedagógico. Ancorado em uma linguagem acessível e menos rebuscada, o pensamento defende o compromisso com o ideal de um conhecimento que ultrapasse os muros da academia. O texto mobiliza referências pós-modernas, marxistas, afrocêntricas, sem nem ao menos apresentar seus conceitos, suas citações, nem seus porta-vozes (COLLINS, 2000). Além disso, apresenta no fim do livro um glossário com os conceitos mobilizados no caminho do texto, que facilita o acesso, a discussão e a disseminação de ideias.

Assim, insurge contra a linguagem científica neutra, carregada apenas de referenciais da intelectualidade europeia, e abre o espaço para a valorização de aspectos propriamente situados de outros pensamentos, como a literatura e a música, possibilitando que o conhecimento deixe de ser um instrumento da reprodução do *status quo*, tornando-se um posicionamento político-epistemológico capaz de proporcionar experiências diferenciadas de empoderamento e de ciência.

É urgente que novas formas de conhecimento que estimulam uma consciência feminista sejam alcançadas para que uma quantidade cada vez maior de mulheres negras se *autodefinam*, se *autoavaliem* e visualizem a *interseccionalidade* de suas opressões (COLLINS, 2019b). Por isso, esse pensamento não apenas desencadeia uma revolução ético-política, mas também é responsável por provocar uma insubmissão epistemológica. O olhar de Collins e sua potência em apresentar e documentar o caminho percorrido pelo Pensamento Feminista Negro tem o desejo não apenas de desestabilizar os muros da academia, mas de ir além deles, sendo uma das contribuições teóricas mais importantes para as Ciências Sociais dos últimos tempos.

2 Pensamento Feminista Negro e a revolução epistemológica

A crítica à ciência é parte da luta feminista há muito tempo, porém vem se aprofundando e diversificando, principalmente nos últimos anos. Está presente nas Ciências Naturais, com o trabalho extraordinário de Donna Haraway, *Primate visions* (1989), que critica a concepção da reprodução

dos primatas pela combinação dos machos como agressivos e das fêmeas como passivas. Outra importante contribuição é a de Londa Schienbinger, *O feminismo mudou a ciência?* (2001), que questiona a associação do feminino com a natureza e do masculino com a mente. Nas Ciências Humanas, por exemplo, Dorothy Smith, em *The everyday world as problematic: a feminist sociology* (1987) contesta os distintos entendimentos da mulher considerada responsável pela matéria-prima (lavar roupa, fazer comida, cuidar das crianças), enquanto o homem é considerado aquele que assume o mundo já manipulado pelas mulheres.

Historicamente, a ciência moderna foi responsável por nos objetificar e nos inferiorizar, impedindo a nossa participação e negando nossa capacidade e autoridade para produzir conhecimento. Como já observava Virginia Woolf, em 1936: “a ciência, ao que parece, não é assexuada; ela é um homem, um pai, e infectada, também” (apud ROSE, 1989, p. 221). Por muitos anos, a episteme patriarcal pontuou que o conhecimento era inacessível para quem não fosse homem, branco e europeu. Em consonância, a estética envolvendo a produção do saber comunica até hoje, de uma forma muito violenta, quem pode ter acesso, onde se pode produzir e quem vai ter condições de alcançar o conhecimento. De acordo com Collins, muitas de nós carregam imagens míopes sobre as condições de possibilidade do saber e os pré-requisitos a serem preenchidos para que algo seja considerado como “verdade” ou boa ciência (COLLINS, 2000).

Por isso a epistemologia, responsável por estudar o conhecimento – que vem do grego *episteme*, conhecimento, e *logos*, estudo (HARDING, 1987), é uma área central para qualquer campo que busca fundamentar seus métodos e os justificar. Não restam dúvidas que o feminismo é uma epistemologia (ALCOFF, 1993; RAGO, 1998) e, por isso, tem um potencial de problematizar questões inerentes ao fazer científico e à própria forma de pensar o conhecimento e a ciência. A partir da problemática levantada por Foucault (1966) acerca da história da ciência e da produção do conhecimento, a episteme varia no tempo e está relacionada à “cientificidade”, que demarca quais são os conhecimentos “verdadeiros” e o que faz uma teoria ser tratada como científica.

A *tríade* iluminista da ciência moderna foi fundamentada no jogo da *objetividade* e da *neutralidade* para se alcançar a *verdade*. Em consequência, também foi responsável por fomentar a polaridade dos “fatos” e “valores”. Dentro dessa perspectiva, os fatos são dados, ou seja, algo a ser descoberto e que parte do fazer científico, e os valores são parte da “mã” ciência. Mas, afinal,

como nós mulheres deveríamos proceder quando estivermos investigando a nós mesmas? Como não se identificar com os “objetos”, quando os objetos somos nós e nossas lutas? Deve existir distinção tão rígida entre sujeito e objeto? Ou é preciso estabelecer novas conexões? E se escolhêssemos o caminho da identificação não estaríamos produzindo “verdades científicas”?

Felizmente, para nós mulheres, chegou um tempo em que é possível romper com esses enquadramentos, ainda que não seja satisfatório apenas questionar seus pressupostos básicos, mas sim perceber a tarefa urgente na elaboração de novos. É importante também sinalizar que não há unanimidade, entre nós feministas, sobre qual caminho devemos seguir para atingir uma ciência feminista: devemos apenas denunciar as dificuldades de acesso das mulheres, especialmente das negras nas academias? Será que devemos descartar todos os pressupostos científicos modernos? E o que dizer da metodologia? Será que não é preciso questionar as epistemes que recortam e orientam nossa visão de mundo? E se nos insubordinássemos e ousássemos ampliar os horizontes, será que um outro mundo não se apresentaria? Como não existem respostas fechadas e estruturadas para essas perguntas, iremos agora refletir sobre as principais críticas e as possíveis respostas feitas pelas feministas para uma melhor prática político-científica.

Para as feministas afroestadunidenses a inclusão das mulheres nos esquemas de investigação científica proposto pelos quadros da modernidade não é suficiente. Elas também denunciam as práticas discriminatórias em relação à inserção das mulheres no universo científico e lutam pela igualdade de oportunidades e por políticas educacionais. Mas, como Collins afirma, muitas das mulheres negras que chegam na academia acabam legitimando as construções de inferioridade sobre si e sobre as suas companheiras. Em outros casos, quando conseguem desafiar essas definições, acabam sendo classificadas como produtoras de uma “má” ciência (COLLINS, 2000). Tudo isso porque sua legitimidade enquanto sujeitos do conhecimento e a sua autoridade epistêmica chocam-se com a *objetividade* e a *neutralidade* científica.

É parte desse projeto epistemológico criticar o caráter dualista baseado em uma lógica binária de pares de opostos como sujeito/objeto, mente/corpo, razão/emoção, objetividade/subjetividade, cultura/natureza, ativo/passivo. Para as feministas, o ponto-chave é que essas dicotomias se constroem, por analogia, com base nas diferenças percebidas entre os sexos e nas desigualdades de gênero. Assim, os conceitos de sujeito, mente, razão, objetividade, cultura, entre outros, que estruturam os princípios da

ciência moderna, foram identificados com o “masculino”, ao passo que os demais – objeto, corpo, emoção, subjetividade, natureza – fazem parte do que historicamente se construiu como o “feminino” (LLOYD, 1996; COLLINS, 2000; COLLINS, 2019a).

Também são críticas do sujeito cartesiano, universal, descorporificado, ou seja, do sujeito homem e europeu. A concepção do sujeito universal, abstrato, sem gênero, sem classe, sem raça, sem etnia, sem sexualidade, sem outros tantos marcadores não dá conta da realidade complexa das opressões que precisam ser levadas em conta na produção do conhecimento (KELLER; LONGINO, 1996). Diferentemente da epistemologia feminista hegemônica, também se questiona a categoria “mulher universal”, que termina funcionando como silenciadora das opressões *interseccionais* de mulheres que não se aproximam desse padrão do feminismo hegemônico (COLLINS, 2000).

Abrindo um parêntese, vale ressaltar que foram apresentadas no parágrafo anterior algumas críticas que a epistemologia feminista negra faz e que vão de encontro a outras epistemologias feministas, não findando os consensos e dissensos nessa forma de pensar. A epistemologia liberal, por exemplo, não é crítica da neutralidade científica e da objetividade, mas dispõe muito do seu projeto político epistemológico na defesa ao acesso igualitário para as meninas e mulheres na ciência (KELLER; LONGINO, 1996). Por isso, para uma compreensão mais aprofundada dos encontros e desencontros epistemológicos entre as diversas correntes feministas é preciso acessar outros materiais.

Como explicitado na seção anterior, o empoderamento passa por dois momentos e não pode ser alcançado apenas através do processo de consciência ativa. A crítica não pode ser apenas desconstrutiva, é necessária uma via paralela para imaginar uma ciência feminista com pressupostos e metodologias próprios, apostando em outros caminhos, respostas e direções. No caso deste ensaio, priorizei as críticas da epistemologia feminista negra, assim como as suas respostas, mas claro que vão existir conformidades entre algumas dessas respostas e aquelas dadas por outras epistemologias feministas, não sendo possível desenvolver todas essas particularidades.

Várias mulheres negras alcançaram seus diplomas de cientistas sociais, arqueólogas e historiadoras, mesmo vivenciando uma ininterrupta negação de acesso à educação. Ainda assim, quando ultrapassavam os obstáculos referentes ao acesso à educação, até muito recentemente, tinham o seu pensamento marginalizado pelas instituições do conhecimento. Assim,

as afroestadunidenses responderam às exclusões através das expressões em locais institucionais alternativos e das mulheres que não são normalmente percebidas como intelectuais. As feministas negras apreendem a realidade da intelectualidade nas ruas, no teatro e na música, divergindo da teoria acadêmica hegemônica (KELLER; LONGINO, 1996).

Uma das primeiras – e talvez a mais consensual – insubordinações da epistemologia feminista é a noção de “conhecimento situado”, isto é, de que o conhecimento deve refletir o ponto de vista e a posição do pesquisador ou do grupo pesquisado (ANDERSON, 2020; COLLINS, 2000). Como uma defensora da *standpoint theory* (teoria do ponto de vista), Patricia argumenta que o sistema entrelaçado de opressão de raça, gênero e classe deu às mulheres afro-americanas um ponto de vista distinto para compreender sua condição de marginalizadas, conhecimento que não está disponível para as pessoas de uma classe privilegiada (COLLINS, 2000).

Dentro desse enquadramento, a realidade contextual na qual os teóricos, intelectuais e pensadores estão inseridos também é um critério para confirmar se o que foi escrito sobre o assunto é realmente algo do interesse do pensador e da sua ética de responsabilidade pessoal. Assim sendo, não se pode separar o conhecimento da pessoa que produz o conhecimento (COLLINS, 2000). Diante disso, faz-se o caminho contrário àquele defendido pelos intelectuais “tradicionais” da neutralidade, da impessoalidade e da objetividade, responsáveis por distorcer e excluir as experiências das mulheres, e ressalta-se a indispensabilidade dos acontecimentos autobiográficos do teórico para a produção do conhecimento (COLLINS, 2000).

Como a racionalidade e a objetividade são os valores dominantes masculinos típicos, o sentimento não pode ser incorporado ao fazer científico ou mesmo funcionar em conjunto com ele, porque no pensamento oposicional binário, o sentimento retarda o pensamento e os valores obscurecem os fatos (COLLINS, 2000). Em oposição a isso, as mulheres negras se insubordinam com respostas marcadas de expressividade pessoal, de emoções e de empatia, frequentemente desvalorizados por métodos mais “científicos”. A pluralidade e a complexidade nas quais estamos imersas devem nos movimentar para expansão da nossa capacidade de apreender o mundo; a *emoção*, como parte de uma argumentação, indica que um falante acredita na validade do que está dizendo. Considere a descrição de Ntozake Shange:

Nossa sociedade [ocidental] permite que as pessoas sejam absolutamente neuróticas e totalmente desligadas de seus sentimentos e dos sentimentos de todos

os outros, e ainda assim sejam muito respeitáveis. Isso, para mim, é uma farsa... Estou tentando mudar a ideia de ver as emoções e o intelecto como faculdades distintas. (TATE, 1983, p. 156).

Assim, uma nova gramática científica livre de um pensamento oxidado vai mostrando os dentes. Mas, é importante ressaltar que a defesa do conhecimento situado pela epistemologia feminista negra não significa a defesa da ciência como um produto puramente social; ou a ciência como uma ideologia, ou a negação da objetividade científica. Collins, ao longo da sua produção, reforça o rigor científico através do movimento objetivista e subjetivista. Desse modo, o que se pretende alcançar é a desconstrução da dicotomia objetividade (masculina) e subjetividade (feminina), e não o fim da racionalidade. Para isso, as afroestadunidenses se afastam do contexto político e acadêmico que desafia o seu direito de existir e as dimensões do conhecimento que as desumanizam e objetificam.

Em virtude de tudo que foi exposto, o Pensamento Feminista Negro centra-se no princípio feminista de confiar que as mulheres negras são as mais capazes de compreender a sua própria experiência. Mas, sempre atentas ao fato de que todo conhecimento que ilumina certos lugares deixa na sombra muitos outros. Assim, entendemos que é preciso que as epistemologias sejam capazes de construir coalizões dialógicas. Walker relata que “a verdade sobre qualquer assunto só vem quando todos os lados da história são colocados juntos e todos os seus diferentes significados fazem um novo” (1983, p. 49). Ou seja, para novas elaborações sobre o mundo é preciso estabelecer alianças contestatórias das estruturas, formas e paradigmas do pensamento hegemônico através da defesa de uma metodologia e uma epistemologia feministas capazes de trazer novas formas de ver, criar e analisar para dentro da ciência.

3 Apontamentos finais

As mulheres afroestadunidenses ultrapassam o contínuo processo de apagamento dos seus corpos, sabedorias, práticas e fazer científico através de uma insubordinação marcada pela consciência ativa e pela construção de novos conhecimentos. Com o desejo de energizar essas produções, Patricia Hill Collins foi responsável por reunir e narrar as histórias das mulheres negras nos Estados Unidos, que desde a Diáspora Negra seguem reatualizando as suas práticas de resistência e reexistência. A partir dos encontros com a ficção, a poesia, a música e a história oral, essas mulheres saíram dos

baús dos silêncios e fundamentaram o conhecimento de mulheres negras para mulheres negras – e para além das mulheres negras.

Como uma teoria crítica, o Pensamento Feminista Negro não se restringe às realidades das mulheres afroestadunidenses e se articula com outros movimentos por justiça social. É um potente convite à ação para as comunidades oprimidas, sendo influente para validar as perspectivas das mulheres, dos pobres, das pessoas de cor, dos migrantes e de outros grupos marginalizados. Através de Collins é possível fazer um mergulho numa pesquisa rigorosa e complexa que integra elementos da teoria feminista, da teoria do ponto de vista, da teoria crítica, do afrocentrismo, do pós-estruturalismo e do pós-modernismo, transcorrendo numa sincronia perfeitamente balanceada entre intelectualismo estimulante e acessibilidade a todos.

Mais do que uma produção teórica que visa empoderar os processos de resistência, esse pensamento tão usualmente marginalizado é importante para a expansão das nossas mentes. As suas contribuições conceituais nos envolvem em uma autorreflexão sobre como o pensamento vem sendo construído, principalmente o conhecimento “objetivista”, “positivista” e “moderno”. A eficácia desse conhecimento em apresentar novos insights sobre o sistema de opressões, através do ponto de vista das mulheres negras, também é uma perspectiva situada da realidade, que reforça sua crítica de que nenhum grupo vai ter condições de produzir a “verdade” e proclamar teorias e metodologias como universais, sendo essa uma opressão que também precisa ser combatida.

Nós, cientistas feministas, não podemos mais deixar os nossos pensamentos serem cooptados por um modelo hegemônico de fazer ciência. Nossos conhecimentos são nossa capacidade de agir no mundo e de transformá-lo. É urgente, portanto, seguir um caminho de insubmissão, de experimentação, de construção artesanal de alternativas que tragam à luz o que estava nas sombras. Junto com as afrodescendentes interrogo criticamente as velhas epistemologias, e aposto na perspectiva de que é mudando profundamente a forma como olhamos para a produção de conhecimento que modificaremos a forma como somos vistas. Uma episteme tradicional, moderna e patriarcal bloqueia nossa capacidade de vermos, imaginarmos e inventarmos a nós mesmas de modos que sejam transformadores, sendo o convite às diferentes epistemologias a reivindicação de diferentes formas de sobreviver.

Por fim, é graças aos esforços das acadêmicas negras contemporâneas, como Patricia Hill Collins, que muitos conhecimentos, práticas e sabedorias das mulheres negras foram alocados sob os holofotes, mas é nosso dever como

acadêmicas, artistas, poetas feministas honrar o que Alice Walker ressaltou: “não permitir o descarte das nossas gênias, e caso venham marginalizá-las, apagá-las, silenciá-las, é nosso dever recuperá-las, para o bem de nossos filhos e filhas, se for preciso, osso por osso” (WALKER, 1983, p. 92).

Referências

ALCOFF, L.; POTTER, E. **Feminist Epistemologies**. New York: Routledge, 1993.

ANDERSON, E. Feminist epistemology and philosophy of science. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Stanford: Stanford University, 2020.

BROWN, E. B. African-american women’s quilting: a framework for conceptualizing and teaching african-american women’s history. **Signs**, Chicago, v. 14, n. 4, p. 921-929, 1989.

COLLINS, P. H. **Black feminist thought**. New York: Routledge, 2000.

COLLINS, P. H. Epistemologia feminista negra. In: COSTA, J. B.; TORRES, N. M.; GROSGOUEL, R. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019a. p. 77-82.

COLLINS, P. H. **Fighting words: black women and the search for justice**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

COLLINS, P. H. Learning from the outsider within: the sociological significance of black feminist thought. **Social Problems**, Knoxville, v. 33, n. 6, p. 14-32, 1986.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019b.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, n. 1, p. 139-167, 1989.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Paris: Gallimard, 1966.

FREEMAN, I. A. (ed.). **Seeds of revolution: a collection of axioms, passages and proverbs**. Bloomington: World Harvest Press, 2014.

GIOVANNI, N. **Sacred cows... and other edibles**. New York: William Morrow and Company, 1988.

GWALTNEY, J. L. **Drylongso**: a self-portrait of black America. New York: Vintage, 1980.

HARAWAY, D. **Primate visions**: gender, race, and nature in the world of modern science. New York: Routledge, 1989.

HARDING, S. **Feminism and methodology**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

HOOKS, B. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

KELLER, E. F.; LONGINO, H. E. (ed.). **Feminism and Science**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

LLOYD, G. Reason, science and the domination of matter. In: KELLER, E. F.; LONGINO, H. **Feminism and Science**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 41-53.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (org.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Mulheres, 1998. p. 1-17.

ROLLINS, J. **Between women**: domestics and their employers. Philadelphia: Temple University Press, 1985

ROSE, H. Nada menos que metade dos laboratórios. In: ROSE, S.; APPIGNANESI, L. (org.). **Para uma nova ciência**. Lisboa: Gradiva, 1989. p. 221-244.

SCHIENBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: Edusc, 2001.

SMITH, D. **The everyday world as problematic**: a feminist sociology. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

TATE, C. **Black women writers at work**. New York: Continuum Publishing, 1983.

WALKER, A. **In search of our mother's gardens**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.

Recebido em janeiro de 2021.

Aprovado em agosto de 2021.